

A REGENERAÇÃO



AVENÇA

Semanário regionalista e cultural

Director Literário—Dr. João Tendeiro
Composição, Impressão e Redacção na
Tip. Figueiroense—Figueiró dos Vinhos

DIRECTOR E EDITOR:
Doutor Manuel Simões Barreiros

Propriedade de João António Semedo
Administração: Tipografia Figueiroense
FIGUEIRO DOS VINHOS

Humanidade e Justiça

Nestes tempos calamitosos é necessária uma palavra que conduza os povos abrindo-lhes caminho por entre as trevas e a confusão. Felizes os que têm quem lhes dê essa palavra e que a tomam como princípio dirigente da sua vida. Nós, portugueses, somos felizes porque temos quem nos indique com segurança o caminho. Importa pois que nos imbuamos do espírito das palavras que de vez em quando nos são dirigidas por quem vê e conhece os males e os remédios.

Há poucos dias o sr. Presidente do Concelho indicou ao País, na pessoa dos representantes das Juntas de Freguesia de Lisboa e Pôrto, a necessidade da união de todos os portugueses traduzida na justiça e na humanidade.

Os perigos e as dificuldades enormes que já sentimos, serão dentro do prazo máximo de um ano, possivelmente muito maiores. A Nação pode e deve vencer essas dificuldades se todos nos unirmos com humanidade e seguirmos as ordens dos dirigentes da Nação. É necessário "dar-se as mãos e agüentar" — disse o sr. Presidente do Concelho. Todos os portugueses devem, na verdade dar as mãos — os indivíduos, as famílias, os organismos, os ricos e pobres, os patrões e os operários. Só assim venceremos. As dificuldades serão, possivelmente maiores, mas não vamos sucumbir sob o peso das circunstâncias. É necessário para isso que haja de facto uma grande solidariedade de todos os portugueses que devem possuir o espírito de sofrimento. Este espírito indicamos que não é possível fazer tudo o que se *quer* mas só o que se *pode*.

A campanha "Produzir e poupar", que faz parte da união e da humanidade necessárias, tem de ser completada com este outro princípio: «Organizar e distribuir». Deve-se distribuir com humanidade e justiça. Sobretudo com justiça, pois distribuir só com justiça resultaria apenas darem-se bens a cada um conforme o seu dinheiro. Muito unidos e com mais ou menos dificuldades, havemos de atravessar este período calamitoso para continuarmos vitoriosamente a nossa obra».

Compenetremo-nos destas verdades, ponhamo-las em prática e veremos que as dificuldades diminuirão para todos.

J. M.

Peles e couros

Por determinação ministerial, a Junta Nacional dos Produtos Pecuários passou a ser a única entidade que pode comprar as peles e couros de bovinos directamente à lavoura.

FIGUEIRO' DOS VINHOS — 'ZONA DE TURISMO'

Figueiró dos Vinhos oferece todas as condições naturais para poder vir a ser uma boa e concorrida Estância Turística. O Governo assim o compreendeu, quando há anos considerou oficialmente o concelho de Figueiró dos Vinhos, «Zona de Turismo».

Figueiró tem uma esplêndida situação geográfica, em pleno coração do País, um agradável clima de meia altitude, boas águas, e todas essas maravilhosas paisagens com que a Natureza tão prodigamente a brindou, — suas belezas que o grande paisagista e Mestre inconfundível, que foi José Malhoa, tão bem soube sentir e interpretar. Malhoa, que tanto amou esta terra, foi, sem dúvida, o maior propagandista das suas belezas e o primeiro turista que descobriu Figueiró dos Vinhos.

Já houve quem chamasse a esta terra o "Figueiró das Côres" e muitos são os que têm enaltecido as suas belezas. O seu nome turístico está feito por todos aqueles que um dia a visitaram e ficaram presos dos seus encantos. De facto, quem uma vez subiu essa lindíssima estrada da Ribeira d'Alge, atravessou o Zezere na magestosa Ponte das Bairradas, desceu a contemplar a beleza deslumbrante das Fragas de S. Simão, admirou a vista magnífica que se disfruta da balneária do nosso Jardim-Parque ou o panorama vastíssimo e belo que se observa do Cabeço do Peão, quem percorreu, numa fresca manhã de verão, os arredores tão pitorescos desta linda vila, decerto a não esqueceu.

Mas basta que o Governo lhe reconheça o valor e que uma Comissão oficial por ela se interesse e realize melhoramentos, como esse lindíssimo Jardim Parque — nosso orgulho e encanto dos que nos visitam — para que Figueiró seja realmente uma Zona de Turismo? Evidentemente, não. É preciso, sobretudo, que os figueiroenses se apercebam e convençam de que a sua linda vila tem no turismo um futuro brilhante. É indispensável que todos os bons amigos de Figueiró, que devem ser todos os que o tiveram por berço ou aqui vivem, se unam no mesmo esforço, com o único fim de a tornarem digna desse título tão honroso.

Sabemos que a actual Comissão de Turismo está empenhada na realização de algumas obras de interesse para a região. É, pois, altura de todos colaborarem nessa obra de engrandecimento em que as autoridades locais tão empenhadas estão. E todos podem e devem fazê-lo, interessando-se mais pela sua terra, limpando-a e alindando-a, caiando os seus prédios, enfeitando de flores as suas janelas, dando, enfim, a Figueiró dos Vinhos, o ar de vila moderna, limpa, civilizada, que precisa ser, para que aqueles que nos visitam daqui saiam mais encantados ainda e ansiando por voltar.

Mário Alves

Mulheres

poema de Manuel Bandeira

Como as mulheres são lindas!
É inútil pensar que é do vestido.
E depois não há só as bonitas:
Há também as simpáticas.
E as feias — certas feias em cujos olhos vejo isto:
Uma menininha que é batida, pisada e nunca sai da cozinha.
Como deve ser bom gostar duma feia!
O meu amor, porém, não tem bondade alguma.
É fraco! fraco!
Meu Deus, eu amo como as criancinhas.
É linda como uma história da carochinha
E eu preciso de ti como precisava da mamã e papai
No tempo em que pensava que os ladrões moravam no morto
Atrás da casa e tinham cara de pau.

Primeira carta para a aldeia

E evo te sem s'ber até que ponto acertam os que afirmam que a cultura geral te não interessa, e que um jornal destinado aos meios rurais só deve, portanto, trazer um ou outro artigo — que não lê; dizem —, preenchendo-se o resto com a notícia dum nascimento no Carapalhal ou do prejuizo que a água — a muita ou a pouca — água, conforme os casos — trouxe para a agricultura. Isto é fazer de ti uma espécie de criança grande a quem os problemas elevados não interessam.

Penso que não é assim em absoluto; gostas, na verdade, de saber como decorram os assuntos com que estás habituado a lidar ou que se referem a pessoas conhecidas; a sacha do milho, a carestia do açúcar, a morte do Fulano; noutros momentos — na cava, por exemplo —, nada mais deves ter na mente além da consciência do teu cansaço, do suor que te empapa a camisa, da terra que é preciso fecundar; ou talvez chegues a um ponto em que trabalhas automaticamente, sem impressões nem pensamentos. Nos momentos de descanso porém, és um homem como qualquer outro: tens necessidade, portanto, de conhecer os problemas do homem, e de procurar um significado para a vida.

O teu meio é acanhado. Aprende a ler e ganhaste talvez, em tempos, o gosto da leitura, mas as circunstâncias nunca te permitiram aplicar os conhecimentos incipientes numa vida intelectual mais construtiva. Por seres avesso às letras? Não, que ideal: eu conheço bem o alvorço com que acolhes qualquer folheto agrícola ou um simples jornal, e o entusiasmo quasi infantil com que os lês.

Falei-te, ao principiar estas linhas, em cultura. Esta cultura de que te falo é tomada numa acepção muito diferente das culturas agrícolas, ou antes, designa uma "coisa", mais geral, e relaciona-se com o conhecimento do universo. Para estudarmos a vida e a natureza, necessitamos de separá-las em pequenos compartimentos, correspondendo cada um deles a uma série diferente de fenómenos; foi assim que nasceu a geologia, a física, a história, a gramática... A cultura, dum modo geral, é a relação destes diversos conhecimentos e a sua integração na vida corrente. A cultura dignifica o homem, pois diferencia-o na vida animal; adquiri-la, é tomar conhecimento com o contracto celebrado entre o homem e a natureza, — ou seja a relação dos fenómenos naturais e sociais.

João

O homem e a humanidade

Nós só somos homens em comunhão com a humanidade. Vivemos da sua seiva, devemos-lhe o nosso esforço. Pertencemos à obra ingente, começada quando dois homens se associaram pela primeira vez, que só se completará, quando essa associação abranger, unida em fraternal convívio, a humanidade inteira.

O homem que não contribui para a grande obra humana, não é homem, não é uma parcela do grande todo, não faz normalmente parte dele — é um parasita e, como tal, não tem direito à vida — a esta vida de que ago a estamos habituados a fazer balanço. — Teixeira Marcolino.

Este jornal foi visado pela Comissão de Censura

Dr. Oliveira Salazar

Atingiu grande imponência e expressão rara, a manifestação que foi feita, em Leiria, no passado dia 27 de Abril, em honra do sr. dr. Oliveira Salazar. A's 20 horas, na Sé, foi celebrado «Te-Deum», presidido pelo sr. bispo de Leiria. Assistiram os srs. governador civil, comandantes militar, dos regimentos de Artilharia Ligeira 4, Infantaria 7, e da P. S. P.; juizes de Direito e do Tribunal do Trabalho; delegado do I. N. T. e demais autoridades, e representantes dos concelhos do distrito; os comandantes da M. P. e L. P. com os seus filiaes e estandartes; e representantes do comércio, indústria e funcionalismo. O templo estava repleto. No final houve benção e beija-mão. No teatro de D. Maria Pia, realizou-se, a seguir, uma sessão solene, presidida pelo chefe do distrito.

Com a consciência de que representa para o país o Sr. Presidente do Conselho, a *Regeneração* associa-se calorosamente a esta justa homenagem.

Um livro sobre o prof. Dr. Bissaya Barreto

Acaba de ser posto à venda, em edição da Livraria Bertrand, de Lisboa, um livro escrito em francês, da autoria do escritor Pierre Goemaere, intitulado «Bissaya Barreto» e com a superior legenda: «Os grandes contemporâneos».

Pierre Goemaere, que se tem ocupado de algumas figuras de relevo, focu desta vez a personalidade do Prof. dr. Bissaya Barreto num livro que ficará como um valioso documentário sobre a figura deste notável Professor de Coimbra. Faz a sua biografia, que acompanha com uma interessante fotografia do sr. dr. Bissaya Barreto com 10 meses de idade. Ocupa-se dos seus tempos de Coimbra, como estudante, para depois entrar numa análise da sua vida política e da sua obra de Assistência como Presidente da Junta da Beira Litoral, tecendo um hino à sua acção e energia no comando e na administração.

O Dr. Bissaya Barreto, Mestre e médico, valeu também ao sr. Pierre Goemaere algumas páginas brilhantes em que retrata fielmente o seu valor.

Esta obra contém algumas fotografias e retratos do sr. Prof. Dr. Bissaya Barreto, assinados por António Carneiro e Malhoa. Em duas dessas fotografias está o sr. Dr. Oliveira Salazar e uma delas foi tirada num barco, na Ria de Aveiro.

Este escritor francês deu-nos um documentário interessante sobre o Prof. Dr. Bissaya Barreto, personalidade tão discutida na vida pública da nação, onde já tem um lugar de destaque pela sua alta categoria intelectual e social.

Ecoss Agrícolas

Cuidados profiláticos em zootecnia — Muitos lavradores deixam morrer os seus animais, por desconhecimento dos meios profiláticos adequados ou por uma imprevidência imperdoável. Logo que se começaram a usar as vacinações contra as diferentes doenças animais, verificou-se que os resultados eram, dum modo geral, esplêndidos, e que uma nova força preventiva, inestimável pelos benefícios a trazer à lavoura, surgira na luta contra as doenças. Porém, a aplicação das vacinas não corresponde à receita de medicamentos como meio curativo; tem um papel essencialmente preventivo, e não é quando já adoeceram que podemos pensar em fazê-la. Além da vacinação, outros cuidados devem ser postos em prática na defesa do nosso armento. No caso especial das doenças dos suínos consistem principalmente em desinfecções frequentes (por ex., com soluto de creolina ou água de cal) e no seqüestro dos animais; este último tem por fim isolar os doentes, que são outras tantas fontes de contágio e disseminação do processo mórbido. Nesta região, como em muitas outras, é costume deixar em liberdade pelos campos os suínos infectados; esta prática, além de imprudente, é verdadeiramente criminosa, pois representa o melhor meio de expansão da mortilha a animais até então indemnes.

Seguros de animais — Uma modalidade interessante e útil de seguros, para que chamamos a atenção dos que dedicam a animalicultura o carinho merecido, é a dos seguros de animais contra a morte por doença ou acidente, e, secundariamente, contra os riscos de incêndio, raio, etc.

Todos sabem os incômodos e incertezas motivadas por um animal doente, em especial a preocupação sobre a perda económica, que não é indiferente no orçamento do lavrador.

Segure o seu gado contra as riscos de morte por desastre e por doença. Para isso, basta dirigir-se a esta redacção ou ao Veterinário Municipal do nosso concelho.

Calda «Gregório de Sousa». — Segundo as indicações transcritas em números anteriores desta secção, são já muitos os vinicultores que ensaiam este ano, pela primeira vez, a cura das videiras pela calda «Gregório de Sousa». Se os resultados descritos se confirmarem, este processo representa uma notável economia de sulfato de co-

A exposição da técnica alemã **Correspondências**

«Astralon»

Campêlo, 27 4-941

«Astralon» é uma das novas matérias-primas industriais que os esclarecidos métodos de investigação de química alemã obtve e cujas qualidades de utilização reforçam poderosamente a base de matérias-primas do trabalho alemão. Patente registada, «Astralon» é um «Vinyl polimerizado» que se emprega em placas, tubos, varetas, não só numa cor como também noutras cores. «Astralon», que no futuro terá um vasto campo de utilização, distingue-se pela sua resistência aos ácidos relativa capacidade de encolher, etc. Substitui o vidro, entra nas mesas dos Laboratórios pela sua resistência às influências químicas e dada a sua incombustibilidade emprega-se também nos compartimentos onde haja perigo de explosão. Mercê do seu reduzido peso específico o «Astralon» entra na construção naval, nos aviões, vagões, etc.

É um produto de «categoria» nas mais variadas aplicações, ainda como: ardózia escolares, cartas geográficas, etc.

«Astralon» como matéria-prima industrial é um produto ao serviço do bem comum e que honra a química alemã.

(T.)

CARTEIRA

Cumprimentámos na nossa Redacção, o nosso assinante sr. João Alves Pereira, que vinha acompanhado de seu filho; seguiram para o Cartaxo.

— Encontra-se entre nós e de visita a sua família o nosso assinante sr. António da Conceição Quaresma, guarda fiscal em Elvas.

bre, especialmente agora que ele tanto escasseia.

De novo recomendamos: 1.ª e 2.ª sulfatagem — 125 gramas de sulfato e 1,5 quilo de grêda em 100 litros de água.

3.ª sulfatagem — 150 gramas de sulfato e 1,5 quilos de grêda em 100 litros de água.

Ultimas sulfatagens — 170 gramas de sulfato e um 1,5 quilo de grêda em 100 litros de água.

Instruções — Dissolva-se a grêda na água e, depois da grêda bem desfeita, é bom passar-se por um pano ou peneira, para assim evitar que vão para o pulverizador quaisquer grãos de areia.

Na semana que decorreu de 19 a 26 dêste mês de Abril houve na freguesia de Campêlo uma missão feita pelo muito zeloso missionário Frei Jerónimo do Souto que deixou entre nós as mais gratas recordações. Nos dias 20, 21 e 22 prêgou nos lugares de Alge, Vilas de Pedro e Fontão Fundeiro, tendo havido cerca de 300 comunhões. Nos restantes dias a pregação foi na igreja paroquial que sempre se encontrou repleta de fiéis, não obstante o mau tempo e as grandes distâncias. Houve durante êstes dias 1277 comunhões. Confessaram-se muitos homens que há 20, 30 e 40 anos o não tinham feito, o que impressionou profundamente muitas pessoas.

No dia 24 houve a reunião das Filhas de Maria a que presidiu o zeloso missionário.

No dia 26, durante a missa das 10 horas, foi administrada a sagrada Comunhão a cerca de 400 pessoas. Em seguida todos os presentes acompanhados pelas crianças da Crusada Eucarística se dirigiram para o átrio da nossa igreja onde houve grandes manifestações de fé.

Pouco tempo depois seguiu-se a missa solene, sermão, exposição solene do SS. Sacramento e procissão com a imagem do sagrado Coração de Jesus.

Veio tomar parte nesta festa a Filarmónica de Figueiró dos Vinhos que muito agradou.

Assistiu a esta festa o nosso Digno Arcipreste sr. Padre António João de Almeida Inglês.

No dia 27 houve missa e muitas comunhões pelas almas e em seguida prática e procissão ao cemitério. Durante a procissão rezou se o terço.

Avelar, 5-5-1942

No dia 9 de Abril do corrente ano realizou-se o funeral da sr.ª Maria de Silveira, de 78 anos de idade, viuva, moradora no Castelo desta vila. A finada era mãe do sr. António Henriques Silveiro, empregado e morador em Santos Brasil, e sogra do sr. José Lopes do Rego Jacob, distribuidor nesta vila.

No funeral, que foi muito concorrido, organizaram-se os seguintes turnos:

- 1.º - Dr. Manuel F. Medeiros, Alfredo Fernandes da Silva, Emídio Moreira e Manuel Moreira;
- 2.º - Adelino Estevão, António Mendes Calado, Manuel Alves

Galeria de Lisboa

Exposição permanente de quadros a óleo de bons autores, aguarelas, gravuras antigas a cor e a preto, desenhos, litografias, estampas, mobílias, porcelanas, faianças e objectos de arte antiga e moderna

Aberta das 14 ás 19 horas

Largo de Arroios, 273, 1.º

(Antigo Palácio do Conde da Guarda)

LISBOA

Telefone 46873

Carne de vaca

Foi tabelado pela Junta Nacional dos Produtos Pecuários o preço de venda ao público da carne de vaca. É o seguinte: Lombo, 12\$80; carne limpa, 10\$80; carne de 1.ª com osso, 7\$80; carne de 2.ª com osso, 6\$40; carne de 3.ª com osso, 5\$80; língua, 11\$00.

GÊLO

VENDE-SE qualquer quantidade na Misericórdia de Castanheira de Pera

Ferreira e Joaquim Fernandes da Silva;

3.º - Manuel Simões Fareleiro, Custódic Nunes, Sebastião Braz e José Faria;

4.º - Daniel Pais, Alfredo Simões Fareleiro, José Arménio Medeiros e António Fernandes Peitudo;

5.º - José Lopes do Rego Jacob, David Lopes do Rego Jacob, Joaquim Henriques e Manuel Henriques;

6.º - Constituido pelos netos da falecida.

— No passado dia 29 de Março, no Salão Nobre do Hospital de Nossa Senhora Guia do Avelar, foi lida publicamente e entregue ao pároco da freguesia, reverendo Padre Manuel Maria Gaspar Furtado, uma mensagem de homenagem à nobre conduta sempre manifestada pelo digno reverendo. Trata-se duma consagração a todos os títulos merecida para quem «tem sabido de tal maneira respeitar aqueles súbtils mas também sublimes princípios da dignidade humana» a ponto de que «ninguém, crente ou não crente, se sente diminuído ou apoucado na sua personalidade ou nos seus direitos»

C.

Manuel Simões Barreiros

CURIOSIDADES

Conserva... conservadora — «Corte a lata com um martelo e um escopro.» Tal era a recomendação que exibia uma lata de metal negro que até há pouco tempo pertenceu à «Royal United Services Institution».

Esta lata de carne de vitela, em conserva, que contava a respeitável idade de cento e catorze anos, havia feito parte das provisões levadas numa expedição ao Polo Norte pelo capitão Parry, em 1824.

A antiga lata foi aberta, há três anos. Deu-se parte do seu conteúdo a vários animais, que o comeram com evidentes sinais de satisfação. O resto foi colocado em dois tubos de ensaio, os quais foram em seguida devidamente selados. Dentro

dê ses tubos a carne continua, até agora, a apresentar-se tão vermelha e fresca como quando foi enlatada pelas indústrias Danks & Henl, a firma comercial que negociava com êsses produtos e havia sido fundada em Londres em 1811.

Meias de seda — Até ao século XVI mesmo os reis e as rainhas só usavam na Europa meias de lã ou de linho.

O rei de Inglaterra, Henrique VIII, foi o primeiro soberano inglês que usou meias de seda, importadas de Espanha.

As rainhas, no entanto, continuaram a usar meias de linho como dantes, até que a Rainha Isabel adoptou as de seda.

O homem que revolucionou o aspecto do mundo — A obra de Rudolf Diesel é hoje em dia uma coisa tão natural, que a maior parte dos leigos na matéria nem sequer conhece a personalidade do grande inventor. Foi ele quem ofereceu ao mundo aquêle primeiro motor de combustão interna que é conhecido pelo nome de «motor Diesel». Esta sua invenção alterou positivamente o aspecto do mundo moderno, proporcionando à técnica e à ciência novas e imprevisíveis possibilidades de trabalho.

Rudolf Diesel, que viveu em Augsburg, a-pesar-de ter nascido em Paris, filho de pais alemães, já havia construído para a exposição internacional de Paris, de 1889, um motor de amoníaco que ele substituiu depois pelo seu motor de combustão interna. A fábrica de máquinas «Maschinenfabrik Augsburg-Nürnberg» construiu o pri-

meiro motor Diesel, o qual foi montado em 1893 e cujo exemplar se encontra hoje no Museu Alemão de Munique. O funcionamento do motor foi uma enorme sensação para todos os interessados. O inventor, Rudolf Diesel, não pôde disfrutar da sua glória por que no ponto culminante da sua carreira começou também a sua tragédia a que ele próprio pôs fim em 1913.

O primeiro «Wagon-Lit» — O primeiro «wagon-lit», usado em caminhos de ferro, foi construído no Canadá para uso do então Príncipe de Gales, e depois Rei de Inglaterra, Eduardo VII, na sua visita aquêle Domínio, há 81 anos.

Essa carruagem foi construída em Brantford, na Província de Ontário, tendo sido visitada por milhares de pessoas, entre as quais se encontrava o americano G. M. Pullman,

fabricante de armários, que, mais tarde, fabricou um vagão semelhante para as linhas dos Estados Unidos, e que foi o primeiro dos modernos «wagons lits» dos actuais Caminhos de Ferro.

Loucura universal — Um médico inglês, baseando-se em estatísticas oficiais, calculou que no ano 2139 toda a humanidade estará louca.

Em 1859 — disse ele — havia um alienado para 535 pessoas; em 1897, a proporção já não era boa: contava-se um louco por 312 pessoas normais; em 1926 a proporção era de 1 para 150; em 1977, haverá, portanto, salvo qualquer imprevisto, 1 louco para 100 indivíduos sãos. Seguindo nesta proporção, em 2139 todos os habitantes do globo estarão loucos.

Mas não o estarão já?...

boletim bibliográfico

Poemas do Minho, de João Rubem — Ed. Marânus. Porto—1942.

Um poeta desceu da cidade, e cantou o campo...

A poesia, como todas as realizações humanas, está subordinada ao ambiente. Por isso, um poeta canta com maior facilidade os assuntos estéticos em que está constantemente integrado, do que aqueles com que teve meros contactos accidentais. Isto é, os resultados são diferentes se o poeta se coloca como parte integrante da vida que o cerca ou apenas como simples espectador; esta facilidade não representa de facto o conteúdo poético que consegue dar aos poemas, mas a sua fusão íntima com o ambiente.

Na apreciação do presente livro de João Rubem, este problema tem de ser tomado em consideração. A franca objectividade exigida para a crítica seria falseada se considerássemos estes *Poemas do Minho* como poesia regionalista; não é de facto o Minho que surge neles, mas sim o Minho visto por uma pessoa que se não integrou nele. Este facto não diminui em nada o valor da

poesia de João Rubem; apenas a coloca num campo particular, — o que, quanto a nós, verdadeiramente lhe pertence. E, sob este prisma, o livro de Rubem surge como uma bela promessa. São poemas simples e compreensíveis, em que perpassa uma visão social. Poemas como *Beleza, onde estás tu?*, de que transcrevemos os seguintes versos:

Beleza, onde estás tu?
beleza celebrada pelos poetas singulares
que no campo só notam encantos.
Está nas ramagens nas macieiras,
que quasi não existem,
ou no ar humilde do rapaz analfabeto?

são antes universais do que regionalistas.

Horizonte, é uma bela realização literária — um quinzenário cultural dirigido por Joel Serrão —, e a que nos referiremos com mais detalhes no próximo número.

Também criticaremos o livro *Poemas de hoje, de Augusto dos Santos Abranches*. — Ed. Portuguesa — Coimbra, 1942.

João Tendeiro

Técnica e ciência

Matérias industriais

A palavra "matéria industrial," ("Werkstoff") só foi introduzida na língua alemã nos últimos anos e apareceu pela primeira vez, em 1935, por ocasião da grande exposição de matérias industriais de Duesseldorf. Estas matérias não são resultados da sua política autárquica, mas sim de um trabalho que durou anos. Assim, as matérias industriais mais conhecidas, como sejam a lã celulósica, a resina sintética e a buna, eram preparadas já muito antes da guerra. Objectos de celuloide, igualmente uma matéria artificial, de osso sintético, e de "Zellon" já há dezenas de anos que existiam no comércio. Não foi tanto a invenção de novas matérias industriais, mas antes a sua expansão que constitui objecto de interesse por parte da economia alemã, a qual procurava tornar-se independente do estrangeiro.

Tomemos, por exemplo, os acessórios de móveis fabricados com resina sintética. Em 1929, o consumo de material foi de aproximadamente 4.600 quilos, em 1930 subiu a 27.150 quilos, atingindo em 1937 67.369 quilos. Já em 1933, 70% de todos os acessórios de móveis eram feitos de resinas sintéticas. Tal evolução demonstra que a confiança em artigos dessa espécie se tornou cada vez maior.

O mesmo sucede com a lã de celulose. — Esta é, porém, um produto da Grande Guerra. — As primeiras experiências para a sua fabricação em grande escala fizeram-se em 1917. Uns anos depois, em 1921, produziram-se 100.000 quilos de lã de celulose. Após minuciosos e dispendiosos estudos, conseguiu-se colocar no mercado os chamados produtos de "Vistra", uma espécie de lã de celulose para vestidos de senhora.

Devemos recordar também os êxitos mais recentes obtidos no domínio da investigação das fibras têxteis; em vez de se empregarem matérias orgânicas na fabricação da lã celulose, como sejam madeira, palha, cana, caseína, etc.

Os grandes sucessos obtidos no domínio da extração de fibras encorajaram muitos químicos a lançarem-se a uma outra tarefa: a fabricação de matérias-primas sintéticas semelhantes ao cabedal. Destacamos especialmente os trabalhos da indústria de Offenbach e de Viena. As folhas empregadas nesses trabalhos têm diferentes espessuras e apresentam cores muito variadas. Dêstes materiais têm-se feito oleados para sacos de praia, bibes, necessários de viagem, como impermeáveis, etc. Dêste modo, as matérias sintéticas semelhantes ao cabedal conquistaram em pouco tempo, um vasto campo de aplicação.

(R.)

grafo que fatalmente se intoxicará no exercício do seu mister não pode furtar-se à infelicidade que daí resulta, ele poderá cooperar no alcance de condições higiénicas que au mentarão as probabilidades de bem estar para os seus filhos ou netos; dedicando-se, por exemplo à eliminação das causas de intoxicação profissional pela invenção de novos meios técnicos. — *Fausto Ribas*

SR A CONSCIENCIA católica violentada é um mal muito grande; mas muito maior mal para ela é que em seu nome se cometam violências. — *Padre Alves Correia.*

A' RODA DE CASCAIS...

FILMAGENS

Entro vagarosamente na Avenida de D. Carlos e piso o passeio paralelo e junto à muralha que limita o mar. A cada passo incerto, sinto que a vista se me prende mais ao espectáculo deslumbrante que se comporta na baía extensa como num emoldurado de sonho... O mar está manso e espelha o céu muito azul, riscado, aqui e além, pelas asas das gaióvetas. A ondulação é fraca e assemelha-se à de um lago a que se atirou uma pedra.

Na praia, dormem barquitos sob o sol que seca as redes, estendidas em paus. Outros barcos fizeram-se ao mar e andam lá para o Guincho ou cabo da Roca, na faina da pesca.

Mais uns passos, e tenho à direita, no meio desta avenida de palacetes, a Casa da Laura, em cujo terraço se cruzam pernas por debaixo de mesas atravancadas de bebidas que nunca provei nem sei escrever os nomes. Sai fumo de bocas vermelhas, precedendo sorrisos e gargalhadas. A um canto, um inglês descoberto e vermelho do sol, suga o seu cachimbo, olhos postos no horizonte, talvez a pensar na pequenês do mundo que se agacha ante o homem, ou nas notícias nervosas, que chegam e partem no cabo submarino, além, em Carcavelos...

E, de novo, o meu olhar passeia sobre as águas, onde pequenas ondas se enfeitam de lentejoilas que mais parecem grandes pétalas de rosa recortadas em prata, que o sol vira e revira em cintilações de mágica. E por toda a curva da baía, o panorama se apresenta maravilhoso e diverso, no qual o mar ponteia, no seu vai e vem de espuma, a arrendada colcha dos seus esponsais com a terra!...

Após a praia da Conceição, de fina areia e mar de leite, o palácio Palmela aparece, em primeiro plano, a emergir das águas, como assinatura da mancha imensa do parque do mesmo nome, que se estende, subindo até ao Monte. Através da ramaria dos últimos pinheiros, vêem-se chalés espreitando na sua brancura, como que a namorar o mar das imediações do Céu!... Mais longe, a Serra de Sintra esfuma-se no azul...

A seguir, vem o Estoril com a magestade pesada do Palácio Hotel a aspirar os perfumes do grande parque geométrico, onde melros associam a canção da Primavera, emperdigados no seu impecável fato preto.

E, enquanto, em cima, no Casimiro, a humanidade se refugia do mundo enterrando-se no vício e no luxo, em baixo, no Tamariz, na esplanada sobre o mar, bronzeia o sol os corpos quasi nus que se refastelam em cadeirões de lona...

E a vista perde-se no casario, onde cada vidro é um espelho que reflecte a esta hora, a fogueira do sol. São João, São Pedro e, mais longe, a Parede, localizada pelas torres do Rádio Clube, a popular emissora dos anúncios e das sessões para miúdos e graúdos!... E a curva vai apertando o horizonte em direcção a Lisboa...

Vê-se nitidamente a Outra Banda, imensa lingua que se estende para o mar, afogueada, a procurar o fresco...

E chego ao ponto em que o mar é céu e o céu oceano...

Há fumo que parece névem... E' a chaminé de algum vapor que demanda Lisboa, êsse pósto de paz neste mundo em guerra.

Sinto passos perto e volto-me instintivamente. Uma elegante morena cumprimenta-me num sorriso franco que me arranca dos lábios uma igual mesura. E, sem saber porquê nem para quê, sigo-a com a vista demoradamente. E os meus olhos prendem-se ao emaranhado dos cabelos fartos e descem, curiosos, até à perfeição das meias...

Pouco depois, acordei, cêrca da cidadela, olhando o passeio de D. Maria Pia, de onde pessoas se debruçam para o mar. Vejo no pequeno jardim a Agua que, sobre o pináculo de um tócco monumento, recorda o abraço que Coutinho e Cabral, há duas dezenas de anos, foram levar ao Brasil.

E, pela primeira vez, senti a fôlha das palmeiras seculares que dividiam os dois sentidos da estrada e que o sópro da renovação deitou abaixo para ajardinar.

Subindo um pouco, quedo-me perante o monumento da Guerra Peninsular em que o regimento 19 de Cascais teve parte gloriosa.

... E, atravessando o jardim junto à Matriz, em direcção ao Parque Municipal, colhi nos ponteiros do relógio a noção do tempo que gastei, e dou, como nos filmes, por finda a primeira jornada.

Cascais, 4-1942

Francisco Pires

A-propósito do 1.º de Maio A felicidade produto do ambiente

No discurso em que expôs alguns conceitos fundamentais da Constituição Política do Estado Novo, Salazar, assim como disse que a riqueza não é um fim, mas um meio de utilidade social, assim, a respeito do trabalho, afirmou que não podia nem devia ser a escravidão do trabalhador. O trabalho é uma lei natural, a que todos estamos sujeitos, sem excepção de ninguém; e não se limita o seu conceito ao trabalho manual dos operários ou lavradores, senão se também se estende a toda a forma de trabalho, desde aquêle ao do patrão, ao do dirigente, ao do intelectual. Esta foi a primeira emenda que, no Estado Novo, se fêz à errada e perniciososa ideia de que só trabalhavam os operários de qualquer oficina, ou da lavoura dos campos. A segunda emenda foi, que o trabalho, sendo uma lei natural, não é escravidão dos homens, mas, entre outros meios, o de prover às necessidades próprias, e às necessidades da vida social.

Por isso, o Estado Novo protege o trabalhador, não como inimigo, que não é, do patrão ou do dirigente, mas como seu colaborador. E colaborador, porque todos, sem excepção, trabalham — e todos são obrigados a trabalhar, com o fim último de utilidade social. Eis a verdadeira doutrina do trabalho.

Só a verdade

As Juntas de Freguesia têm em distribuição boletins de um inquérito ao consumo dos géneros de primeira necessidade.

E' indispensável, no interesse de todos nós, que os boletins sejam preenchidos com sinceridade.

Ocultar o verdadeiro consumo de cada família é falsear o inquérito, porquanto os seus resultados visam, apenas, a procurar formas práticas de acudir às necessidades da população.

Fale-se, por isso, a linguagem da verdade.

Não caímos no logro de aplicar a todos os homens — ao homem em abstracto — qualquer medida ou lenomidor comum, porque estamos conscientes das contradições que os separam e os lançam uns contra os outros e, para as abolir, não podemos começar por negá-las. Por isso, repudiamos todos os ideais de felicidade que tenham as suas raízes fora da situação do homem da nossa época, que não emergem da realidade do hoje, dos problemas que nos são próprios. E todos aqueles também que se afirmam em nome do homem universal, sem consciências das contradições mencionadas.

Tampouco a felicidade é problema individual. Certamente não pode dissertar-se sobre ela, a propósito dêste ou daquele caso, pretendendo estabelecer um critério rígido de felicidade ou infelicidade para todos. Mas há condições materiais que podem servir de base ao seu alcance e que são comuns aos numerosos membros dum mesmo grupo social. Neste sentido, a felicidade é um ideal colectivo que toda a massa humana se propõe atingir, quando, em dado momento histórico, procura alcançar um determinado bem estar e progresso. Fica sempre margem a qualquer coisa de individual: as questões de saúde, do amor, da psicologia própria de cada um. E' preciso notar-se porém que é ainda colectivamente que os homens caminham para a resolução dêstes problemas que, em ultima análise, dependem também do estado da sociedade. E se o tipó-

as palavras lar, casamento, tradição, não significam nada por si. Certos lares só abrigam o ódio, certos casamentos são cadeias, e muitas vezes a tradição é apenas uma acumulação de coisas mesquinhas. O bem e o mal não estão nas palavras mas no coração das pessoas. — *Carlisle.*

Quadro de miséria

Próximo da cadeia desta Vila, num pequeno tugúrio, reside a indigente Claudina de Jesus, com mais de 80 anos de idade, que é extremamente pobre, vivendo da Caridade Publica, e que ultimamente tem passado grandes privações devido ao seu estado de saúde se ter agravado; será por isso uma grande Obra de Caridade que as Almas Bondosas a socorram, com uma pequena sôpa ou qualquer outro alimento, mas já cozinhado, visto ela já não ter tato nem combustíveis para o poder cozinhar.

Pagamento de assinaturas

Foram pagas nesta redacção as assinaturas do nosso jornal referentes aos nossos amigos:

Joaquim Simões Abreu, Vila Alva

João Alves Pereira, Cartaxo
Manuel Dias das Neves, Leiria

António da Silva Neto, Figueiró.